

Discriminações e preconceitos: temas que precisam de muito debate na formação dos profissionais de saúde

Cláudia Nice Bach*; Amanda Zorzan Leonhardt*; Caroline Muller*; Juliana Bianchini*; Andreas Rucks Varvaki Rados**; Maurício Fernando Nunes Teixeira***

- * Graduada em Odontologia, Universidade do Vale do Taquari
- ** Mestre em saúde Bucal Coletiva, Universidade do Vale do Taquari
- *** Doutor em Saúde Bucal Coletiva, Universidade do Vale do Taquari

Recebido: 15/07/2021. Aprovado: 23/11/2021.

RESUMO

Conteúdos curriculares relativos às Ciências Humanas e Sociais têm muita importância no desenvolvimento de habilidades que vão construir competências relacionadas ao comportamento dos egressos. O curso de Odontologia da Univates aborda, desde o início da formação temáticas relacionadas a discriminação e ao preconceito de forma integrada no seu currículo. O trabalho apresenta relatos de experiências de quatro estudantes durante os estágios com o objetivo de identificar, reconhecer e discutir questões relacionadas ao preconceito e discriminação no desenvolvimento do estágio extramuros, apresentando os desafios e dificuldades encontradas nesse processo. Através de relatos subjetivos podemos perceber os diferentes itinerários de formação que os estudantes percorrem, além da ampliação das oportunidades de contato com essas temáticas. Nos relatos são descritas atividades de aprendizagem realizadas durante o curso e que são retomadas no enfrentamento das situações vivenciadas nos estágios. Dramatizações, leitura de materiais, desafios propostos no CBL (*Challenge Based Learning*), produções de resumos e participações em congressos vão sendo elencadas como referências importantes no atendimento de populações específicas como indígenas, imigrantes, pessoas com pele preta e que fazem uso de tornozeleiras eletrônicas, além de contatos com pessoas transexuais e portadores de necessidades especiais. Essas experiências, muitas vezes, são possíveis pela presença dos estudantes nas redes de saúde. O estágio extramuros amplia as experiências de atendimento aos estudantes, contribuindo para uma formação mais generalista e humanista. O contato dos estudantes com diferentes realidades é benéfico para o desenvolvimento de novas perspectivas a partir dos conteúdos trabalhados de forma teórica e, quando integrados, podem contribuir para uma formação mais cidadã.

Descritores: Discriminação Social. Preconceito. Formação Profissional em Saúde. Estágios. Educação em Odontologia.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da sociedade brasileira sofreu uma transição de uma política econômica global pautada no trabalho escravo em uma

sociedade de economia basicamente agrícola, para uma política assentada na mão-de-obra livre e na industrialização¹. Nesse contexto, a ideia de uma pedagogia médico-higiênica pautada nas premissas

básicas de que o acesso à higiene física e, principalmente, a um ideal de higiene moral, através da educação, seria a resposta para lidar com as exigências e as controvérsias de uma nova ordem social que se consolidava no Brasil entre os séculos XIX e XX. Com o objetivo de transformar o perfil sanitário da antiga família colonial, composta de agregados, escravos, domésticos e serviçais, em uma instituição conjugal e nuclear marcada pelo sentimento de privacidade. Tal fato alimentou, indiretamente, ideologias racistas e preconceituosas, servindo para a manutenção da exploração das classes subalternas, em nome da superioridade racial e social das elites brancas².

Discriminação é a ação de tratar uma pessoa ou um grupo de pessoas de forma diferente, estabelecendo discrepâncias. Acredita-se que preconceitos étnicos e raciais estão ligados a crenças onde um tem poder sobre o outro³. Essas ações agem como estressores psicossociais, afetando diretamente nas desigualdades ligadas à saúde^{4,5}. Além da raça/etnia, o gênero também está ligado a preconceitos, já que os gêneros “tradicionais” ainda são forte e frequentemente reafirmados nos locais de saúde^{6,7}, junto a isso a classe e outras identidades sociais também sofrem pelos sistemas de opressão⁶.

Os preconceitos são entendidos como causadores fundamentais das disparidades e iniquidades em saúde, e vão muito além das influências do nível socioeconômico⁵. Existem evidências de que ações preconceituosas têm ocorrido nos sistemas de saúde estando ligadas ao gênero^{7,8}, raça^{9,10}, HIV¹¹ e outros tipos de discriminação, em que o profissional de saúde age de forma implícita e explícita na conduta de escolha de tratamento.

O curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari (Univates), se preocupa com a formação de um profissional, dentre outras qualidades, crítico e humanista. Para tanto, ao longo dos cinco anos de graduação, os acadêmicos

são instigados a refletir sobre diversos temas de cunho social que são de grande relevância.

Esse curso está organizado a partir de um currículo modular integrado. Quatro eixos se desenvolvem durante todo o tempo de curso e os conteúdos referentes às Ciências Humanas e Sociais são abordados levando em consideração as diversas dimensões da relação indivíduo/sociedade, que contribuem para a compreensão dos determinantes sociais, culturais, comportamentais, psicológicos, ecológicos, éticos, bioéticos e forenses, nos níveis individual e coletivo do processo saúde-doença¹².

No eixo de Saúde, Sociedade, Cidadania e Direitos Humanos as questões de impacto social são trabalhadas de forma teórica: Filosofia, Antropologia, Sociologia e Planejamento em saúde são abordados desde o começo do curso para que os estudantes possam desenvolver as habilidades no que se refere à Tomada de Decisão e Educação Permanente.

No eixo de Educação Permanente são desenvolvidas atividades práticas desde o início do curso que procuram ilustrar a abordagem teórica dos temas já elencados para que o estudante possa compreender e atuar de forma proativa na estrutura organizacional e na cultura institucional dos serviços de saúde, por meio da reflexão sobre a ação, visando às mudanças nas estruturas institucionais, nas organizacionais e no processo de trabalho, necessárias para a melhoria constante do desempenho da equipe de saúde, para a geração de práticas desejáveis de gestão, de atenção e de relacionamento com a população atendida¹².

Dentre as temáticas abordadas, estão o preconceito e a discriminação e seus impactos na área da saúde. Desde o primeiro semestre discute-se o racismo, a homofobia e o desprezo pela classe carcerária e por pessoas com deficiência, seja ela física, mental e/ou cognitiva.

Um estudo realizado com estudantes de Odontologia por uma universidade de Santa

Catarina, procurou investigar as desigualdades entre diferentes grupos étnico-raciais. Então, propuseram aos acadêmicos dois casos clínicos iguais, porém com um paciente negro e outro branco. Os resultados obtidos através de questionário e perguntas abertas, demonstraram um tratamento menos respeitoso e com menor autonomia ao usuário de pele escura em detrimento ao paciente de pele branca, além de serem mais responsabilizados pelas falhas do seu tratamento odontológico¹³.

O preconceito socioeconômico também é um estigma da sociedade. Em um estudo realizado com graduandos de Odontologia de uma universidade de São Paulo, dentre as conclusões, percebeu-se que os alunos acreditam que as doenças podem ser percebidas como uma condição de sua classe econômica ou são relacionadas com a mesma¹⁴.

Já no que se refere à questão de gênero, é muito importante que o cirurgião dentista esteja ciente do acolhimento às pessoas transexuais principalmente, pois o uso do nome social e um tratamento adequado que irá auxiliar na criação do vínculo com o paciente. De acordo com a portaria N. 1829, de 13 de agosto de 2009, é assegurado às pessoas transgênero e travestis, dentro do SUS, o uso do nome social no acesso inicial e a tratamentos específicos para o processo transsexualizado¹⁵. Uma vez que isso não acontece, o vínculo profissional-paciente torna-se raso e falho, o que de certa forma poderá incidir sobre o sucesso do tratamento realizado.

Na oportunidade de pensarmos sobre as agruras do século XXI, abordamos os temas relacionados às ciências sociais na área odontológica. É imprescindível que essa temática seja abordada nas escolas de Odontologia, bem como outras áreas da saúde, para que os universitários e futuros profissionais sejam capazes de, além de identificar essas situações, se conscientizem para não julgar dessa maneira.

O trabalho tem o objetivo de identificar e

reconhecer questões relacionadas ao preconceito e discriminação no desenvolvimento do estágio extramuros de um curso de odontologia, relacionando com os conteúdos das ciências sociais, normalmente trabalhados no início dos cursos, apresentando os desafios e dificuldades encontradas nesse processo, através de relatos de experiências de estudantes presentes na rede de saúde.

2 RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

A seguir apresentaremos relatos de quatro autoras, estudantes que, desde o início do curso, se interessam por temas relacionados à discriminação e ao preconceito, procurando identificar os conteúdos trabalhados, discutindo as circunstâncias e desdobramentos de situações durante seus itinerários pedagógicos em que essas questões ficam evidentes. Os relatos estão escritos em primeira pessoa e serão retomados nas discussões entremeadas aos relatos e propostas nas considerações finais.

Estudante 1

Me chamo Juliana Bianchini, tenho 21 anos de idade e resido numa pequena cidade próxima à Universidade. Sou acadêmica de Odontologia da Univates e atualmente me encontro no oitavo semestre. Descobri meu amor pela Odontologia durante o início do curso, que sempre considerei diferenciado por conta da grande dedicação dos professores para com o aprendizado dos alunos e a preocupação dos mesmos em nos formar profissionais humanistas. Para Rogers (2001)¹⁶, o professor deve ter uma conduta humanista frente a seus alunos, uma vez que isso torna o ambiente educacional mais efetivo no que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem.

É com metodologias ativas que construímos nosso aprendizado em conjunto com nossos orientadores. A partir de dinâmicas diversas são introduzidas atividades diferenciadas abordando

temas de cunho social como preconceito e até mesmo formas lúdicas de apresentar o conteúdo estudado. Um exemplo disso foi um teatro realizado no quarto semestre no eixo de Integralidade de Atenção à Saúde (IAS IV), na qual em grupos, apresentamos um teatro com o tema "patologias endodônticas - doenças pulpares e periapicais".

Além dessas encenações, passamos por um teste de tomada de decisão clínica no eixo de Saúde, Sociedade, Cidadania e Direitos Humanos (SSCDH IV). Metodologicamente, o professor separou a turma em duas salas diferentes, metade em cada uma delas. Numa sala, foi apresentado um caso clínico de um paciente de cor de pele branca que necessitava de algumas intervenções. Já na outra sala, o caso clínico era exatamente o mesmo, porém com alteração da cor da pele, o paciente tinha a pele preta. Comparando as escolhas de tratamento de cada sala, pudemos observar que no caso em que o paciente tinha a pele preta houve mais sugestões de procedimentos mais invasivos e baratos em comparação ao outro caso do usuário branco. Em discussão no final da atividade com os dois grupos juntos, nos foi mostrado como ocorre o racismo institucional e a forma que ele pode afetar a escolha de uma abordagem terapêutica dos pacientes.

Antes de sermos inseridos na Clínica de Odontologia Ampliada (COAm), a turma do quarto semestre fez parte de uma atividade muito interessante proposta por um de nossos professores. Nos foi avisado no começo da aula que teríamos que realizar uma anamnese e instrução de higiene em duplas com um usuário da clínica que havia se disposto a participar da dinâmica. Sem o conhecimento da turma, o professor entrou no personagem de um homem pobre, depressivo e que não realizava sua higiene oral de forma adequada. Nós, enquanto dentistas, deveríamos fazer a anamnese e instrução de higiene adequada para seu caso. Durante a entrevista dialogada com o personagem Adalberto, o mesmo chorou e

contou de toda a sua situação de vida, que passava por vários problemas pessoais (financeiros e emocionais). Cada estudante reagiu de uma forma, porém todos lidaram com a situação da maneira que mais acharam adequada. Ao final da atividade assistimos aos vídeos que foram gravados da entrevista e discutimos a experiência vivida por todos.

A Mostra de Trabalhos Acadêmicos do Curso de Odontologia tem como objetivo que os alunos exponham o que estão trabalhando nas aulas, estágios, bolsas de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso e temas que sejam relevantes para a discussão. Todos os acadêmicos, desde o primeiro até o décimo módulo podem participar do evento como ouvintes ou apresentadores.

Na sua segunda edição, em dezembro de 2019, o evento ocorreu no Tecnovates, (parque científico e tecnológico do Vale do Taquari) e os trabalhos foram expostos em forma de *banners* no saguão do prédio. Os professores do curso de Odontologia avaliaram a apresentação dos trabalhos de forma individualizada, enquanto os demais participantes também podiam ouvir, discutir e tirar dúvidas frente às produções acadêmicas expostas.

A partir de pesquisas e como forma de concluir o *Challenge Based Learning* (CBL) com uma solução palpável, transformamos as investigações que realizamos ao decorrer desta tarefa em um resumo para submissão neste evento científico do curso. O resumo intitulava-se "A influência do racismo institucional na tomada de decisão clínica do cirurgião dentista: uma visão instigada pelo *Challenge Based Learning* (CBL)". Nosso objetivo era conscientizar os estudantes de Odontologia acerca da presença do racismo institucional no atendimento odontológico, no que tange à influência da discriminação na tomada de decisão clínica do profissional, bem como tornar visível esse assunto que geralmente passa

despercebido aos nossos olhos. Para poder discorrer sobre racismo, primeiro seria necessário entender que [...] *consiste na discriminação de pessoas, baseado em características fenotípicas, justificando a superioridade de uma raça sobre a outra. Sua construção derivou-se das teorias evolucionistas do século XIX, que influenciaram diversas áreas do conhecimento [...] defendiam a existência de raças diferentes, menosprezando os negros e valorizando os brancos europeus*¹⁷.

No decorrer do evento nosso *banner* foi bastante visitado tanto pelos estudantes quanto pelos professores do curso, já fazendo com que nosso objetivo fosse contemplado. No final da manhã, fomos surpreendidas aos termos nosso trabalho escolhido como destaque e com o recebimento de uma menção honrosa. Para tanto, apresentamos em formato de *slides* no auditório do local para todas as pessoas que se faziam presentes, o que disseminou ainda mais a temática.

Essa, para nós, foi uma experiência única e muito motivadora por se tratar de uma luta que muitas vezes passa despercebida aos olhos de quem não sofre diariamente com o racismo. Ainda com o desejo de levar nosso trabalho adiante, reescrevemos o resumo e submetemos para o 14º Congresso Internacional Rede Unida, no ano de 2020, porém o evento foi adiado para novembro do mesmo ano e foi realizado de forma *online*.

Além de somente o grupo explanar sobre nossas percepções, tivemos a oportunidade de discutir com pessoas de lugares diferentes do país, com pensamentos diferentes e também experiências diversas. Pudemos ouvir militantes do assunto explanar sobre o racismo, formas de racismo e como ele se insere na sociedade e nos sistemas de saúde, bem como a maneira que ele prejudica e afeta os as pessoas de pele escura no dia a dia. Ademais, pudemos assistir a outros trabalhos que ampliaram ainda mais as discussões, uma vez que as salas eram divididas por temática; assim sendo, as discussões eram pautadas no combate ao

racismo.

Obtivemos um aprendizado grandioso com esses dois eventos, que acrescentaram de forma sublime à nossa vida profissional, acadêmica e pessoal. Foi observando a surpresa e curiosidade das pessoas ao se depararem com a temática que concluímos que deveríamos continuar a falar sobre o racismo institucional na prática clínica, haja vista que ainda é pouco debatido na área da saúde.

No estágio na atenção básica na unidade de saúde de Pouso Novo/RS, vivenciei a primeira experiência com atendimento odontológico para pessoas com deficiência física. Nesse caso o usuário havia recém chegado da consulta com a fisioterapeuta da unidade e aproveitou para consultar com a dentista. Segundo Figueiredo *et al.* (2003), a assistência e o tratamento odontológico à pessoa com deficiência auxilia a sua inclusão na sociedade¹⁸.

O paciente já havia sido atendido outras vezes pela profissional de Odontologia que eu estava acompanhando. Portanto, os dois já tinham um vínculo formado, a dentista já conhecia suas preferências, dificuldades e facilidades de manejo. Ela posicionou a cadeira de rodas ao lado da cadeira odontológica e o paciente mesmo foi se movendo de modo a trocar de assento. A cirurgiã-dentista iniciou a consulta que ocorreu de forma tranquila e o paciente não precisou de grandes intervenções, apenas uma raspagem supragengival no quinto sextante e de uma deplacagem/profilaxia. Para sair da cadeira odontológica foi da mesma maneira, a cadeira de rodas foi posicionada ao lado e o próprio cadeirante se locomoveu para sentar-se nela.

Após a consulta, questionei a cirurgiã-dentista sobre o caso, então ela relatou que o paciente havia sido atendido anteriormente por ela na unidade e, na primeira vez em que isto aconteceu ela não tinha experiência nem prática de manejo com cadeirante, por isso chamou algumas enfermeiras para ajudar o usuário a transitar da cadeira de rodas para a cadeira odontológica. Contudo, percebeu o notável

desconforto do paciente e optou por deixá-lo sentarse sozinho e isso ajudou muito na consulta.

Me senti um pouco apreensiva com a consulta, pois eu nunca havia acompanhado um caso desses, também até então não havíamos estudado na graduação a maneira correta de atender deficientes físicos, portanto ter a oportunidade de ver e aprender com meu estágio foi muito construtivo para minha formação acadêmica.

No semestre posterior (2021A), tivemos uma aula sobre manejo odontológico em portadores de deficiência. A prática adquirida no estágio auxiliou bastante a melhor compreensão do conteúdo, bem como favoreceu uma discussão mais ampla e aprofundada das questões abordadas.

Analisando todo o atendimento, notei que em momento algum houve qualquer tipo de preconceito ou julgamento dos profissionais de saúde em relação ao usuário cadeirante, muito pelo contrário, todos o trataram com equidade, por necessitar de cuidados um pouco mais especiais no que diz respeito à sua locomoção. Isso me deixa extremamente feliz e orgulhosa da unidade de saúde em que estou inserida.

Desde sua gênese o curso trabalha com a ideia de que é imprescindível o aporte das ciências sociais para a formação de cirurgiões-dentistas generalistas e comprometidos com a realidade social. Esta não é tarefa fácil, é preciso desconstruir a lógica de uma metodologia tradicional de transferência de conhecimento e construir espaços de debate coletivo que garantam a integração dos conteúdos¹⁹.

Ao final do relato da estudante 1 é possível perceber seu reconhecimento com as metodologias ativas utilizadas e sua preocupação com a participação nas atividades acadêmicas propostas pelo curso. Apresenta ainda questões relacionadas ao racismo e ao atendimento a pacientes com necessidades especiais.

Estudante 2

Meu nome é Amanda, sou estudante de

Odontologia da Univates cursando o sétimo semestre e moradora da cidade de Estrela. A Odontologia foi um caminho escolhido por mim a partir do momento em que eu tive mais contato com a profissão e percebi que através dela seria possível trazer saúde para quem não possui acesso e ajudar as pessoas, algo que sempre foi meu objetivo.

Acontece que ainda tivemos poucas experiências de atendimento com usuários de pele preta na clínica do curso, pois são poucos usuários de pele preta ou transexuais (trans) que frequentam o espaço e isso pode ter uma série de justificativas como o fato de não conhecerem a possibilidade de atendimento, poucos encaminhamentos das unidades ou ainda esses usuários não se sentirem à vontade para frequentar o espaço. Já usuários com transtornos mentais, físicos ou de humor temos mais contato e é uma experiência enriquecedora, pois aprendemos possíveis manejos necessários e também a tratar todos de maneira igualitária sem distinção alguma.

Falando do estágio realizado no município de Estrela visualizou-se uma quantidade significativa de pessoas de pele preta sendo atendidas nos bairros Imigrantes e Oriental. No bairro Imigrantes existe uma ESF, então sempre é priorizada a finalização do tratamento sem precisar voltar ao final da “fila”. Nesse local são atendidos diversos usuários de pele preta e todos são atendidos de maneira igual, sem distinção de cor. Também são atendidos todos os usuários, sem distinção de gênero, classe social, orientação sexual ou raça. Observamos a importância de quebrar a barreira do racismo pois ele reduz a possibilidade de criação de vínculo, visto que o diálogo torna-se inexistente, influenciando de maneira negativa diversos fatores na vida deste usuário, que consequentemente tem sua dignidade e saúde afetadas, principalmente sua saúde mental²⁰. No meu entendimento, abordar questões relacionadas a esse assunto durante o desenvolvimento do curso

é necessário e faz com que os alunos tornem-se mais humanos e profissionais de saúde mais preparados, desprezando atitudes racistas.

Presenciei também o atendimento de uma usuária trans e foi uma experiência ímpar, pois a dentista foi muito acolhedora, realizou o atendimento de forma igualitária e também teve o cuidado na hora de preencher seu cadastro com a questão sexual/gênero. Estava sendo realizada uma pesquisa sobre COVID-19 onde a profissional poderia escolher seus entrevistados e resolveu escolher alguns usuários de pele preta e também a usuária trans, pois ela falou que a pesquisa deve mostrar a sociedade como um todo e que muitas vezes essas pessoas já são deixadas de lado e que ela desaprovava isso, por isso fazia questão de incluí-los em sua pesquisa, afinal a sociedade é composta pelas diferentes pessoas e realidades.

Durante o atendimento e também ao responder o questionário dessa usuária surgiram algumas dúvidas relacionadas à gênero, sexo, como isso funcionava com a questão de registro foi uma experiência enriquecedora, pois eu não tinha conhecimento de muitas informações, me senti lisonjeada em poder participar daquele momento e aprender mais sobre o assunto. A usuária trans gostou muito de nos explicar sobre isso, disse que esse interesse falta para a maioria das pessoas e que além da falta de interesse ainda existe muito preconceito, mas que não desiste e luta contra ele todos os dias.

A profissional me disse que queria saber aquelas informações não apenas para responder corretamente o sistema e o questionário, mas para quando atender mais esses usuários ela saber como funciona, também comentou comigo que leu muito a respeito do assunto pois pensa que atualmente isso é um conhecimento básico e questão de respeito com essa população. A profissional que realiza os atendimentos sempre expõe todos os possíveis tratamentos para os usuários, sem distinção alguma.

Num dos dias da semana é realizado o atendimento odontológico para os moradores da aldeia indígena, que se situa numa região mais afastada do município de Estrela. É importante o fato de o município demonstrar preocupação e interesse em atender todos os usuários. Como temos conhecimento, o povo indígena já sofreu muito preconceito e ainda sofre até hoje, por isso os usuários indígenas são mais desconfiados²¹. “A agente de saúde que realiza visitas na aldeia também é moradora do local, é casada com um índio, e caso ela não fosse moradora da aldeia não poderia visitá-los. Isso nos faz perceber o quão difícil é a nossa relação com eles, o quão mal já foi feito e também demonstra a grande importância de os incluirmos em nossa sociedade, respeitando seus costumes e princípios.

Durante o atendimento odontológico a cirurgiã-dentista se mostrou muito paciente, ouviu os usuários, respeitou-os e criou vínculo. Explicou o que estava acontecendo, quais as opções de procedimentos que poderiam ser realizados e a partir do que os usuários optaram, ela explicou exatamente o que faria, para não causar desconforto, criando assim uma relação de confiança. A cirurgiã-dentista questionou sobre como era o funcionamento da aldeia, os principais costumes, quais os usuários gostavam mais e após o atendimento disse que achava bom demonstrar interesse pela cultura deles pois sabe que muitas pessoas não possuem respeito por isso. Grande parte da população indígena brasileira ainda enfrenta dificuldade no acesso aos serviços de saúde, materiais de higiene pessoal e, muitas vezes, quando há acesso, ele é precário, sendo essas questões todas fatores determinantes no perfil de adoecimento dessa população²²⁻²⁴.

O bairro Oriental é uma Unidade Básica de Saúde referência para outros bairros que não possuem unidade. Então o atendimento é mais dinâmico, mesmo sendo referência de todo o município a unidade recebe uma quantidade menor

de usuários com a pele preta. A questão do bairro Oriental é que a maior parte das pessoas com a pele preta que buscam atendimento odontológico nesta unidade são haitianos. Em grande parte destes atendimentos existe muita dificuldade em compreender a queixa do usuário e também explicar o procedimento que será feito. O fato de não conseguirmos explicar o que será feito dificulta muito, pois deixa o usuário tenso, muitas vezes com medo. Mas as cirurgiãs-dentistas do local sempre se esforçaram ao máximo para explicar a eles o que seria feito, evitando experiências traumáticas e almejando a criação de vínculo, mesmo que o atendimento fosse mais dinâmico.

Na COAm (Clínica Escola de Odontologia) eu atendi um usuário que sofre de transtorno de humor, sempre o atendi da mesma maneira que atendo os outros usuários, realizamos um longo tratamento com várias consultas e ele sempre se demonstrou um usuário muito curioso, gostava que eu explicasse o procedimento, qual tipo de agulha e anestésico eu iria utilizar. Numa dessas consultas o usuário me relatou que até ele conhecer a COAm ninguém nunca havia explicado para ele como escovar os dentes ou usar fio dental e também que nos outros lugares que ele frequentou anteriormente nunca explicaram qual era o procedimento que seria feito, como funcionava, o que o dentista estava fazendo em sua boca, que o tratavam como “bobo”, como se ele não tivesse capacidade de entender o que era dito e por isso se sentia bem nos atendimentos na COAm, onde era totalmente diferente, que na primeira consulta explicamos tudo para ele e isso é uma coisa que eu sempre irei levar comigo durante a formação e após isso, como profissional.

Parece uma coisa tão óbvia você realizar uma instrução de higiene adequada, realizar uma explicação sobre o procedimento e ir avisando o usuário sobre suas ações, mas fica claro que em muitos casos o básico não é feito e que o profissional, por possivelmente saber mais

informações sobre o procedimento, pensa que é desnecessário explicar porque o usuário não vai entender e isso está totalmente errado, estamos mexendo na boca da pessoa, para isso necessitamos de vínculo e confiança, coisas que só conseguimos construir numa relação igualitária, destituída de preconceitos e com muito diálogo. Numa análise podemos pensar que este usuário sofreu preconceito pelo seu transtorno e isso é lamentável, pois ele é um ser humano, uma pessoa como qualquer outra e merece ser tratado como tal. Também podemos pensar que muitos usuários sofrem esse mesmo preconceito pelo simples fato de o profissional possuir esse pensamento de que é o detentor do saber, como um ser superior.”

O acolhimento é algo que faz parte do atendimento e é essencial para o atendimento, se tratando de um usuário com transtorno de humor, o vínculo torna-se tão essencial quanto em outros atendimentos pois todos merecem receber um tratamento humanizado e igualitário²⁵.

O relato da estudante 2 aborda o atendimento a pessoas de pele preta, indígenas e transgênero focando na ação do supervisor de estágio. Experiências agradáveis nessa relação podem interferir positivamente na formação dos estudantes. Tanto que o relato traz a questão da importância do acolhimento e o olhar sensível nas relações de cuidado.

Estudante 3

Me chamo Caroline Muller, sou estudante do curso de Odontologia da Univates e resido na cidade de Lajeado. Com relação aos assuntos e conteúdos que são trabalhados ao longo dos semestres, posso afirmar que a partir de um dos aprendizados adquiridos no eixo de Saúde, Sociedade, Cidadania e Direitos Humanos (SSCDH), pude observar a importância de tratar sobre temáticas que vão além da parte teórica que incluem as técnicas visando às práticas clínicas.

Outras temáticas, como racismo institucional

e outros tipos de preconceitos, relacionadas à nossa atuação profissional e que tenham relação com as ciências sociais devem ser trabalhadas e trazidas para discussões, começando dentro de uma sala de aula e no início do curso para que possa ser vivenciado e experienciado ao longo de toda a formação. Ao trabalhar esses assuntos com os estudantes, é possível fazer com que sejam desenvolvidas outras capacidades, como o senso crítico ao se pensar a forma de tratamento, conduta profissional e tomadas de decisões clínicas, zelando sempre por um comportamento justo e respeitoso, levando em conta a singularidade de cada indivíduo, a sua realidade social, econômica e cultural e outros indicadores sociais a ser ponderados.

Na cidade de Lajeado, existem bairros como Santo André e Campestre, que possuem mais moradores que são haitianos. Logo, foi possível perceber um aumento na procura pelos atendimentos por parte da população referida. A partir do que foi vivenciado por mim no bairro Santo André, as experiências quanto a este público foram boas. Por vezes, tinha-se dificuldade de entendimento e comunicação dos usuários com o profissional no que diz respeito à língua creole, haitiana e/ou francesa.

Portanto, a cultura diferenciada e a cor da pele não foram fatores determinantes de condutas e tomadas de decisão clínicas diferentes daquelas habitualmente aplicadas aos indivíduos brancos, que também procuram o serviço.

O bairro Conservas também está localizado na cidade de Lajeado, às margens do Rio Taquari, sendo mais afastado do centro da cidade. É um local onde grande parte da população se desenvolveu sempre lutando contra as dificuldades encontradas e é considerado um bairro com moradores de perfil socioeconômico mais baixo. Em relação às vivências de uma das alunas, pôde-se observar que é uma realidade diferente do bairro Santo André e que, além da temática principal do

presente artigo, outros fatores se fizeram presentes.

É possível observar que no local de estágio (ESF Conservas), a realidade dos moradores locais, por vezes, pode ser determinante e levada em conta por alguns profissionais de modo a refletir de forma negativa na condução do atendimento e nas decisões clínicas. Era o caso de usuários que fazem uso de tornozeleiras eletrônicas, por exemplo, os quais se apresentavam diversas vezes nos atendimentos odontológicos. No que foi observado e experimentado, não houve distinção no que diz respeito à conduta da profissional e da equipe. Os procedimentos foram conduzidos de forma justa, tranquila e igualitária, assim como ocorre com todos os outros usuários que usufruem dos serviços oferecidos.”

A estudante 3 relata atendimentos a imigrantes e portadores de tornozeleiras eletrônicas, colocando sua percepção sobre os fatos e que nos faz pensar sobre o que nos trazem Travassos, Bahia (2011)²⁶: [...] *permanece ausente uma política de combate à discriminação e aos privilégios que estão na base das desigualdades sociais que ainda permeiam o SUS. Que sua criação seja orientada por uma agenda inclusiva, evitando-se produzir novos estigmas, pois os que temos já nos bastam.*

Estudante 4

Me chamo Cláudia Nice Bach, tenho 25 anos, resido na cidade de Lajeado/RS e sou estudante do 9º módulo do curso de Odontologia da Univates. Inicialmente a Odontologia “caiu de paraquedas” na minha vida, sempre fui apaixonada por pessoas, então trabalhar com pessoas e com o cuidado delas era e é algo necessário na minha vida. Depois de passar por algumas outras áreas da saúde, me encontrei na Odontologia, que hoje é um grande amor e tem me proporcionado vivências e conhecimentos que área alguma até o momento havia me

proporcionado. O olhar ampliado e as ações transdisciplinares para mim sempre foram muito naturais, mas dentro da Odontologia eu pude perceber que nem todos os profissionais da saúde atuam desta forma e alguns possuem grandes dificuldades em quebrar estas barreiras, reforçando a necessidade em trabalhar estes aspectos.

Assim como o bairro Conservas, o bairro Santo Antônio também está às margens do rio Taquari e um pouco mais afastado do centro. Neste bairro existe uma diversidade nos perfis socioeconômicos, mas com predominância no perfil baixo. Na unidade de atendimento deste bairro poderiam haver diversos tipos de recusa de atendimento e preconceitos, já que a diversidade do bairro é grande, tendo como realidade aberta pessoas com uso de tornozeleira eletrônica, cadeirantes por conta do HIV, pessoas portadoras de DST, maioria dos moradores de cor de pele preta, mas isso não ocorre lá, talvez pela equipe de saúde bucal estar atuando há muitos anos, não se observa nenhuma diferença, bem pelo contrário, sempre explicam sobre a temática e estimulam os estagiários a entender que não há diferença no tratamento no atendimento a estas pessoas.

Nesta unidade vivenciei uma situação na qual me senti muito mal, pois me colocou em um lugar extremamente desconfortável. Uma paciente haitiana de cor de pele negra estava buscando informações sobre seus exames e consultas, quando eu e uma agente comunitária iniciamos uma conversa para sanar tais dúvidas, foi aí que a paciente interrompeu e pediu que somente eu falasse, pois eu era branca, usava jaleco de uma universidade (com formação) e traria informações mais corretas, discriminando a agente comunitária por ser uma pessoa de cor de pele preta, não estar vestindo um jaleco branco (que remetesse a alguma formação) e ainda duvidando da palavra da agente, como se a

informação dela não estivesse correta como a minha ou não tivesse o mesmo valor. Esta situação me deixou extremamente mal, eu estive numa situação de preconceito a qual eu não concordo, não faz parte de mim.

Então para seguir a conversa, antes de tudo eu precisei falar sobre aquela posição da paciente, cuidei ao máximo como iria explicar o assunto para ela, pois eu sabia que aquela fala não era um pensamento originário da paciente, era um preconceito enraizado de gerações, algo que ensinaram a ela e que é preconceituoso com ela mesma, já que ela também tinha cor de pele preta. Então tratei de explicar que eu e todos os profissionais daquela unidade possuíamos as mesmas informações para dar aos pacientes e que não seria um jaleco ou a cor de pele que definiria o nível de formação ou condição de instrução no trabalho com os pacientes.

Já no bairro São Bento, localizado totalmente no oposto da periferia, fazendo divisa com a cidade de Santa Clara, o estilo e perfil do bairro é outro, voltado muito mais para pessoas que viviam ou ainda vivem da agricultura, pecuária, produção de variados tipos de produtos que sejam de forma caseira/artesanal, além disso possuindo uma vasta diversidade no perfil socioeconômico, desde baixo até muito alto. Com relação às experiências de estágio na ESF deste bairro, pode-se observar que existe desconforto por parte da equipe com pacientes que fazem uso de tornozeleira eletrônica ou é portador de alguma DST, diferente do bairro Santo Antônio, onde essas situações eram naturalizadas e desmistificadas. Acredito que isso ocorre por não ser uma realidade comum neste bairro e pouquíssimo abordada, mas sempre houve respeito para com todos os pacientes, a conduta na escolha de tratamento sempre foi tentando suprir ao máximo a necessidade do paciente, mas era nítido o desconforto da equipe.

No último relato podemos perceber a sensibilidade da estudante ao descrever uma situação vivenciada por um usuário fora de seu contexto e que, a partir de seus valores, interage com a equipe e nos remete à importância do entendimento da condição que as pessoas vivem e da empatia nos atendimentos. Isso nos faz acreditar que uma formação humanista seja facilitada.

A partir dos relatos podemos pensar como Pimenta, Oliveira (2020)²⁷, que afirmam que os indivíduos são pensados a partir das relações sociais que estabelecem nos meios em que se encontram e, por meio dos quais dão sentido às experiências corporais, como a saúde e a doença e a introdução das Ciências Sociais permite também a revisão de uma abordagem mais biológica no sentido da busca de uma articulação entre os termos, assim como da articulação entre as lógicas biomédica, sociológica e antropológica de apreensão da corporeidade, que pressupõe a relação indivíduo e sociedade e o humano no corpo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio extramuros propõe uma ampliação dos atendimentos que, se restritos à clínica escola da universidade, podem ser enviesados. Questões relacionadas ao envolvimento da clínica escola com o SUS, rede de atenção na qual o curso está inserido, origem da instituição de ensino e contexto do sistema atual podem restringir algumas experiências, nas quais o estágio extramuros pode auxiliar.

A partir do que foi vivenciado pelas estudantes durante todo o curso, tanto nos atendimentos na Clínica de Odontologia Ampliada quanto nos acompanhamentos nos locais de estágio em Unidades Básicas de Saúde/Estratégias de Saúde da Família na cidade de Lajeado, Estrela e Pouso Novo, foi possível fazer análises e tirar conclusões a respeito dos assuntos colocados em

pauta. Racismo institucional; ciências humanas e sociais na formação em saúde, discriminação e preconceito nos serviços de assistência à saúde são conteúdos que devem ser abordados durante o decorrer dos cursos de graduação e as vivências dos estudantes nos mostram a importância de uma retomada constante desses temas.

Em relação à cor da pele, condução dos atendimentos e tomada de decisão clínica, pode-se inferir que, a partir das experiências que tivemos no nosso contexto, pessoas de cor de pele preta ainda são parte da população que menos procura atendimentos odontológicos, tanto na clínica escola quanto em unidades básicas de saúde. Existe uma diferença de abordagem nesses casos que estão modulados pela experiência da equipe e do desenvolvimento das atividades nos locais de estágio. Equipes que estão há mais tempo nos locais, normalmente têm atitudes mais acolhedoras devido ao conhecimento do território e vínculo com as comunidades.

É responsabilidade do cirurgião-dentista saber manejar de forma adequada o atendimento aos deficientes físicos, porém muitas vezes isso é negligenciado tanto por parte dos próprios profissionais ou pela formação que não trabalhou o tema na preparação do futuro dentista. Infelizmente vemos em nosso dia a dia que as pessoas com deficiência física sofrem julgamentos e preconceito - às vezes velado, às vezes não - por parte da população. Isso se deve a diversos fatores, mas principalmente aos tabus impostos à sociedade e à falta de acessibilidade, embora exista a lei Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000²⁸ que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

Outro ponto fundamental é a atenção, confiança e credibilidade prestadas ao usuário junto de uma anamnese completa. A criação de vínculo é muito importante para ele se sentir à

vontade e voltar para consultas de rotina ou quando precisar, além de ajudar para que ele não se sinta envergonhado com alguma atitude dos profissionais, por isso a escuta qualificada é um método muito válido para evitar quaisquer tipos de constrangimentos, ou pior que isso, alguma falha nos procedimentos realizados pelo dentista.

Após o relato das estudantes é possível perceber a importância da abordagem dos conteúdos referentes às Ciências Humanas e Sociais durante a graduação e a necessidade da integração e revisão desses temas dando suporte ao conhecimento nas Ciências Biológicas durante todo o curso. O estágio, sobretudo extramuros, é um momento extremamente importante para a retomada desses conhecimentos, visto que a vivência pode tornar essa aprendizagem mais significativa.

O estágio fora dos limites da universidade proporciona vivências mais próximas do mundo real que, algumas vezes, são mascaradas na clínica escola. As possibilidades de contato com usuários que apresentam características e casuísticas mais amplas são privilegiadas a partir da inserção dos estudantes nos serviços.

Outro importante fator a ser considerado é a ética que, quando abordada desde o início do curso e com apontamentos sobre comportamentos que possam desviar de uma formação desejada, pode desenvolver o respeito e a humanização como pontos fundantes da ação dos estudantes na sua prática clínica.

Ao revisarmos o artigo final, alteramos alguns termos, que depois de todas as leituras entendemos que também são racistas, então substituímos a palavra “negro (a)” por “cor de pele preta” ou pessoa (homem/mulher) preta (o).

ABSTRACT

Discrimination and prejudice: topics that require extensive debate in the training of healthcare professionals

Curriculum subjects related to Human and Social Sciences are important to the development of skills that will build the abilities related to the behavior of graduates. From the beginning of training, the Univates Dentistry course addresses themes related to discrimination and prejudice in an integrated way in its curriculum. This academic project features reports of four students during their internships, aiming to identify, recognize and discuss issues related to prejudice and discrimination in the development of the internship, presenting the challenges encountered in this process. Through subjective reports it is possible to understand the different paths that graduation students go through, and the expansion of opportunities to get in touch with these themes. In the reports, the students describe many learning activities applied during the course that later were used in situations experienced in the internships. Acting, relevant paper reading, challenges proposed in the CBL (Challenge Based Learning), production of overviews and reports and participation in conferences are some of the important references in the care of specific populations such as indigenous people, immigrants, people with black skin, convicted people with electronic anklets, transsexuals and individuals with special needs. These experiences are often only possible due to the presence of students in the public health and care systems. The internship expands the student service experiences, contributing for a more humanized and real graduation. The contact of students with different realities is beneficial for the development of new perspectives from the content learned theoretically and, when combined, can build up to a more humanized graduation.

Descriptors: Social Discrimination. Prejudice. Health Human Resource Training. Training Support. Education, Dental.

REFERÊNCIAS

1. Borges RF. A pedagogia de Manoel Bomfim: uma proposta higienista na educação. (122 f.). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de

- Maringá. Maringá, 2006.
- Costa NR. State, Education and Health: hygiene of daily life. Cad. CEDES. HISA - História da Saúde. 1984.
 - Scott J. A dictionary of sociology. Oxford (UK): Oxford University Press. 2014.
 - Celeste RK, Goncalves LG, Faerstein E, Bastos JL. The role of potential mediators in racial inequalities in tooth loss: the Pró-Saúde study. Comm Dent Oral Epidemiol. 2013;41(6):509-16.
 - Phelan JC, Link BG. Is racism a fundamental cause of inequalities in health? Ann Rev Sociol. 2015;41(1):311-30.
 - Hay K, McDougal L, Percival V, Henry S, Klugman J, Wurie H, et al. Disrupting gender norms in health systems: making the case for change. Lancet. 2019; 393 (10190):2535-49.
 - Sartori LRM, Henzel LT, Queiroz ABL, Ramos EC, Oliveira LJC, Chisini LA, et al. Gender inequalities in the dental science: an analysis of high impact publications. J Dent Educ. 2021; 85(8):1379-87.
 - Schulman KA, Berlin JA, Harless W, Kerner JF, Sistrunk S, Gersh BJ, et al. The effect of race and sex on physicians' recommendations for cardiac catheterization. N Engl J Med. 1999; 340(8):618-26.
 - Cabral ED, Caldas Jr, AF, Cabral HAM. Influence of the patient's race on the dentist's decision to extract or retain a decayed tooth. Community Dent Oral Epidemiol. 2005; 33(6):461-6.
 - Leal MDC, Gama SGN, Pereira APE, Pacheco VE, Carmo CN, Santos RV. The color of pain: racial inequities in prenatal care and childbirth in Brazil. Cad Saúde Pública. 2017; 33(Suppl 1):e00078816.
 - Discacciati JA, Vilaca EL. Atendimento odontológico ao portador do HIV: medo, preconceito e ética profissional. Rev Panam Salud Publica. 2001; 9(4):234-9.
 - Brasil. Resolução nº 3, de 21 de junho de 2021. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior. [Acesso em 15 jul. 2021]. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-3-de-21-de-junho-de-2021-327321299>.
 - Candido LC, Finkler M, Bastos JL, Freitas SFTD. Conflicts with the patient, race and conceptions held by Dental students: the case of undergraduates from Southern Brazil. Physis. 2019; 29(4): e290410.
 - Zilbovicius C, Carnut L, Lopes TTV. O preconceito econômico-social na percepção de estudantes de odontologia: uma perspectiva crítica. Ensino Re-Vista. 2019; 26(3):896-918.
 - Brasil, Ministério da Saúde. Portaria nº 1.820, de 13 de agosto de 2009. [Acesso em 15 jul. 2021] Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt1820_13_08_2009.html.
 - Araújo ESC, Vieira VMO. Práticas docentes na Saúde: contribuições para uma reflexão a partir de Carl Rogers. Psicol Esc Educ. 2013; 17(1):97-104.
 - Silva HCB, Lima TCS. Racismo institucional: violação do direito à saúde e demanda ao serviço social. Katálysis. 2021; 24(2):331-41.
 - Cançado Figueiredo M, Carvalho e Silva SR, Preto Guimarães F, Araújo VP. Perfil de pacientes con necesidades especiales. Bol Asoc Argent Odontol Niños. 2003; 32(1):8-11.
 - Pilotto LM, Corrêa GT, Alves AM, Macarevich A, Frohlich S, Teixeira MFN, et al. Contribuições das Ciências Sociais e sua integração com a Ciência da Saúde na formação em Odontologia. Anais do

- Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, 2018. [Acesso em 21 out. 2021]. Disponível em: <https://proceedings.science/saude-coletiva-2018/papers/contribuicoes-das-ciencias-sociais-e-sua-integracao-com-a-ciencia-da-saude-na-formacao-em-odontologia>.
20. Silva ML. Racismo e os efeitos na saúde mental. In: Batista LE, Kalckmann S. (Org.). Seminário saúde da população negra no estado de São Paulo, 2004. São Paulo: Instituto de Saúde, 2005. p. 129-132. (Temas em Saúde Coletiva, 3).
 21. Conselho Indigenista Missionário. Relatório Violência contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2015. ISSN 1984-7645
 22. Loureiro MM, Rozenfeld S. Epidemiologia de internações por doença falciforme no Brasil. Rev Saúde Pública. 2005;39(6):943-9.
 23. Lopes F. Raça, saúde e vulnerabilidades. BIS. 2003; 31:7-11.
 24. Batista LE, Volochko A, Ferreira CEC, Martins V. Mortalidade da população negra adulta no Brasil. In: Brasil. Fundação Nacional de Saúde. Saúde da população negra no Brasil: contribuições para a promoção da equidade. Brasília, DF: Funasa, 2005. p. 237-314.
 25. Pitta AMF. Reorientação do modelo de atenção: equidade e justiça social na organização dos serviços de saúde mental. In: Delgado PG. Caderno de Textos: III Conferência Nacional de Saúde Mental. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.
 26. Travassos C, Bahia L. Qual é a agenda para o combate à discriminação no SUS? Cad Saúde Pública. 2011;27(2):204-5.
 27. Pimenta MM, Oliveira RC. A contribuição da Sociologia para o Ensino em Saúde. Linhas. 2020; 21(45):260-84.
 28. Brasil. Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. [Acesso em 21 out. 2021]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm.

Correspondência para:

Maurício Fernando Nunes Teixeira
e-mail: mauricioteixeira@univates.br
Rua Avelino Tallini, 171
95915-000 Lajeado/RS